
DISCUSSÃO DE GÊNERO: DESNATURALIZANDO A DESIGUALDADE DE GÊNERO DENTRO DAS ESCOLAS

Estudantes:

Ana Alice Fortunato Silva

Mariana de Oliveira Ramos

Matheus Vinícius Maximo Santos

Orientadora:

Jaqueline Fernandes Quirino

Escola:

Escola Municipal Professor Jacy de Assis

Resumo

O presente projeto aborda discussões sobre desigualdade de gênero dentro do ambiente escolar, social e domiciliar. Propondo desnaturalizar conceitos errôneos no que diz respeito a identidade de gênero e sexo biológico, e seus reflexos nas relações de igualdade entre homens e mulheres. Sugere-se a aplicação de uma pesquisa ação dentro do espaço escolar, com a criação de brinquedotecas, contação de histórias e inserção de atividades especializadas na grade curricular. Espera-se que as ações propostas permitam potencializar o respeito a todas as pessoas independente do sexo biológico ou identidade de gênero além de contribuir na construção de uma cultura sem violência.

Palavras-chave: Desigualdade de Gênero, Espaço escolar, Sexo biológico, Mulheres.

Introdução e justificativa

Segundo o dicionário, “gênero” é definido como a reunião de espécies ou a forma como se manifesta, social e culturalmente a identidade sexual dos indivíduos (FERREIRA, 2000).

De acordo com Furlani (2016), é importante entender que todo ser humano possui um sexo e um gênero. O sexo é algo que caracteriza os atributos físicos que nos definem homens, meninos, meninas e mulheres. O gênero é a expectativa da sociedade no modo de viver, e se expressar da menina e do menino.

Originalmente os pensamentos da sociedade em geral ensinam o que é “ser homem” ou “ser mulher”.

É na cultura e na sociedade que essas construções se apoiam e são forjadas, por isso, os gêneros acabam refletindo os conceitos padrão disseminados pela cultura dominante, como, por exemplo, o machismo. De um lado, a figura do homem forte, provedor, corajoso, que não chora, trabalhador, “macho”; de outro, a mulher frágil, submissa, sentimental, dona do lar e cuidadora dos filhos, menos capaz e habilidosa... São todas construções sociais dos gêneros em sociedades patriarcais. (MELLO, 2016, P.25)

Muitas abordagens sobre as mulheres, partem de um olhar que adota como ponto de referência as perspectivas dos homens sobre a mulher ou a feminilidade, ou por vezes classificam o gênero e também a sexualidade, como se fossem fenômenos estáveis, ou seja, uma pessoa do sexo feminino pertence também ao gênero feminino, e por sua vez deve reproduzir atitudes e atividades destinadas a tal gênero (RIBEIRO, 2006).

O conceito de gênero foi criado por ser necessário mostrar que muitas desigualdades sofridas pelas mulheres são resultados da crença de que sua biologia as fazem pessoas inferiores e com menos direitos, ou seja, o conceito de gênero não busca negar que todos nós temos uma biologia, mas sim que ele não define nossa capacidade, ou nosso destino social (FURLANI, 2016).

Na obra *História das mulheres e as representações do feminino*, de Tedeschi (2008), o autor enfatiza a importância dos estudos de gênero por possibilitarem uma análise “das relações entre os sexos, que contribuem para os estudos sobre a condição feminina e a vida familiar na sociedade”. Ao propor uma reflexão sobre a questão dos lugares e funções, construídos pelo matrimônio que reforçam o ideal de lar e de maternidade, o autor ressalva que os papéis de mãe e esposa, atribuídos à mulher, são representações que contribuem para a definição de interdependência e identidade feminina, ocasionando em práticas culturais que a restringem ao espaço domiciliar, afirmando que mesmo na modernidade, o poder patriarcal e a delimitação dos papéis das mulheres no ambiente privado não se diferenciaram das representações do feminino observadas na antiguidade (apud FARIAS, 2009).

No cotidiano dentro e fora da escola é evidente a desigualdade entre os gêneros quando se observa o comportamento dos sujeitos. Os meninos são designados a jogar bola e meninas a pular corda ou em apresentações culturais de dança em que os meninos se sentem envergonhados

em dançar. Além disso, os alunos respeitam ou temem mais o professor do sexo masculino, mesmo havendo mais mulheres lecionando. Há também a ideia de que as meninas sempre devem ser delicadas e caprichosas e por isso devem tomar frente nas atividades conjuntas na escola, na divisão das atividades em casa e nas distinções entre brinquedos de meninas e de meninos. Em todas essas situações é possível notar que a imagem de fragilidade está vinculada ao sexo feminino e de virilidade vinculada ao masculino.

O presente estudo é de suma importância para desconstruir o padrão da desigualdade de gênero dentro das escolas e na sociedade abordando direitos e possibilidades iguais para meninos e meninas. Visto que a escola é um lugar de formação e transformação de sujeitos e cidadãos dotados de opiniões, espera-se romper com o ideal de que o sexo biológico é fator determinante da identidade de gênero.

Objetivos

Por meio da criação de uma brinquedoteca “sem gênero”, de contação de histórias e adição de aulas na grade curricular que visarão a discussão sobre desigualdade de gênero, pretende-se incentivar reflexões sobre comportamentos e ideais machistas e sexistas, que provocam a desigualdade de gênero, no âmbito escolar, de forma que elas promovam atitudes que fortaleçam as relações interpessoais dentro e fora da escola.

Espera-se que ocorra a conscientização dos alunos e familiares quanto a questões de desigualdade de gênero, de forma que os alunos se sintam livres para fazer suas escolhas.

Desconstruir estereótipos relacionados ao machismo e o patriarcado, além de preservar os recursos criados de forma que as gerações futuras que frequentem a escola possam usufruir deles.

Reduzir através de reflexões geradas, a incidência da violência e preconceito, no espaço escolar e no âmbito social, praticada com sujeitos que pertençam ou consideram-se pertencentes ao gênero feminino.

Metodologia

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, optou-se pela execução de uma pesquisa ação, com base na implementação de atividades no espaço escolar. Assim, Thiollent (1988) descreve a pesquisa ação como uma forma de investigação social baseada na experiência que é idealizada e executada com uma ação que tente, ou de fato conceba a resolução de um problema

coletivo, no qual os pesquisadores e os sujeitos problematizadores se envolvam de modo cooperativo ou participativo (apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 40).

Além disso, Fonseca (2002, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 40) acrescenta que ao participar da ação, o pesquisador abarca conhecimentos que propiciarão uma sucessão de análises reflexivas sobre a realidade e os elementos integrantes do problema.

Com os alunos do Ensino Fundamental 1, pretende-se criar uma brinquedoteca “sem gênero”, ou seja, um espaço onde os brinquedos não são separados entre meninos e meninas, e a cada quinze dias a contação de história buscando desconstruir as fábulas que expressam desigualdade de gênero.

Para a formação da brinquedoteca, a escola criará uma campanha de arrecadação de brinquedos, de forma a conscientizar os pais sobre o fato de não haver brinquedos específicos para cada sexo biológico.

Já com o Ensino Fundamental 2, almeja-se adicionar aulas na grade curricular que abordem o assunto dentro do espaço escolar em todas as áreas de conhecimento, sobre diferentes olhares, através de debates, grupos de discussão, palestras, visitas técnicas, grupos de estudos literários, criação de peças teatrais e criação de cartazes e panfletos dentro e fora da escola, para pais e alunos. Entre outras atividades desenvolvidas que resultem em momentos de exposições para a comunidade escolar das reflexões geradas.

Os recursos utilizados serão data show, salas de informática, brinquedos, material de escritório em geral, palestrantes de várias áreas e especialistas no assunto de desigualdade de gênero, microfone, caixa de som e obras literárias.

Resultados e discussão

A forma com que os indivíduos se identificam, o conceito de identidade de gênero, e o gênero biológico são alguns dos atributos físicos que definem cada pessoa.

Percebe-se que há uma equívoco de muitas pessoas na definição desses conceitos, que são percebidos como estáveis e intrinsecamente ligados entre si. Entretanto compreende-se que sexo biológico e identidade de gênero não configuram uma mesma definição e que os sujeitos são livres para realizar suas escolhas independentemente do sexo biológico ao qual pertencem e das representações sociais criadas sobre eles.

Com a execução do projeto, pretende-se gerar reflexões sobre as relações interpessoais baseadas em igualdade de gênero e desnaturalizar ideais sobre machismo, patriarcado,

preconceitos e estereótipos, contribuindo positivamente para as relações sociais no âmbito escolar, social e familiar. Constatase também que a discussão de gênero permite potencializar o respeito a todas as pessoas independentemente do sexo e da escolha individual de gênero, contribuindo para a desnaturalização da desigualdade de homens e mulheres e para a construção de uma cultura sem violência.

Conclusões

Compreende-se, neste trabalho, que o sexo biológico não é fator determinante para identidade de gênero, apesar de ser fator influenciador da desigualdade de gênero que ainda se faz presente no espaço escolar, social e familiar.

Aspira-se que as ações propostas gerem reflexões acerca do machismo, patriarcado e preconceitos evidenciados em atitudes que expressam a desigualdade entre gêneros, além de desconstruir estereótipos relacionados ao tema e reduzir a incidência da violência praticada contra o gênero feminino. Portanto, esse trabalho pode apresentar contribuições positivas para as relações sociais no âmbito escolar, social e familiar.

Referências Bibliográficas

- FARIAS, M. N. A. *História das Mulheres e as representações do feminino na história*. Estudos Feministas, v.17, p. 921-935, 2009. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n3/v17n3a21>>. Acesso em setembro de 2018.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 345.
- FURLANI, A. *Existe “ideologia de gênero”?* [30 de agosto de 2016]. Publica: Agência de jornalismo investigativo. Entrevista concedida por Andrea DiP. Disponível em:
<<https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>>. Acesso em setembro de 2018.
- GERHARDT, T.G; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. 1ª edição. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em agosto de 2018.
- MELLO, M. M. *“Ideologia de gênero”: Impacto social do conceito da educação na infância*. 2016. 108 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas. 2016. Disponível em:
<www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000978333>. Acesso em agosto de 2018.

RIBEIRO, J. S. B. *Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças*. Cadernos Pagu, v. 26. P. 145-68, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100007#back4>. Acesso em: setembro de 2018.